



## ARTIGO

### **Alto de Brinches 3 (Serpa): estudo da fauna recuperada nos contextos do 3º e 2º milénios a.n.e.**

Cátia Saque Delicado<sup>a\*</sup>, Ana Beatriz Santos<sup>a</sup>, Eduardo Porfírio<sup>b</sup>, Miguel Serra<sup>b</sup>, Cleia Detry<sup>c</sup>

<sup>a</sup> Departamento de História, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Alameda da Universidade, 1600-214 Lisboa, Portugal.

<sup>b</sup> Palimpsesto – Estudo e Preservação do Património Cultural Lda., Rua Mendes Remédios 96-sc-v-D, Apartado 4078, 3031-901 Coimbra, Portugal.

<sup>c</sup> UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Alameda da Universidade, 1600-214 Lisboa, Portugal.

\*Autor correspondente: [delicadocs@gmail.com](mailto:delicadocs@gmail.com)

Artigo recebido a 20 de Novembro de 2016 e aceite a 17 de Abril de 2017

## RESUMO

Os trabalhos de minimização de impacto ambiental levados a cabo durante a construção do reservatório de água Serpa-Norte, puseram a descoberto o sítio arqueológico de Alto de Brinches 3. Este inclui cerca de 224 estruturas negativas do Calcolítico à Idade Moderna. O estudo zoo arqueológico apresentado refere-se aos restos faunísticos do Calcolítico e da Idade do Bronze.

O sítio arqueológico de Alto de Brinches 3 contém enterramentos humanos e de animais não-humanos em ambos os períodos cronológicos. Observa-se uma grande diversidade de mamíferos. O veado (*Cervus elaphus*), ovelha (*Ovis aries*) ou cabra (*Capra hircus*) e porco (*Sus sp.*) são os mais frequentes. Através deste estudo foi possível identificar padrões alimentares e de abandono destas

comunidades. A percentagem de animais domésticos é superior, denunciando uma comunidade sedentarizada e adaptada a uma actividade agro-pastoril, que utilizava os produtos secundários fornecidos por estes animais. Contudo, sabe-se da existência de caça.

Relativamente aos enterramentos de animais, não foi possível determinar se estes morreram de causas naturais ou se foram sacrificados. A identificação de um cão (*Canis familiaris*) em associação a um enterramento humano, e também, numa outra fossa, de dois fragmentos de mandíbula direita de cão, constituem achados de grande interesse.

*Palavras-chave: Zooarqueologia; Calcolítico; Idade do Bronze; Enterramento de cão<sup>1</sup>.*

\*\*\*

## ABSTRACT

Environmental impact surveys undertaken during the construction of the Serpa-Norte water reservoir revealed the archaeological site of Alto de Brinches 3. These included about 224 negative structures, dated from the Chalcolithic to the Modern period. We present a zooarchaeological study of the Chalcolithic and Bronze Age animal remains. The archaeological site of Alto de Brinches 3 includes human and non-human animal burials from both periods.

We observed a great diversity of mammals. Red deer (*Cervus elaphus*), sheep (*Ovis aries*) or goat (*Capra hircus*) and pig (*Sus sp.*) are the most frequent of them. Through this study it was possible to identify not only dietary patterns, but also abandonment patterns of these communities. The inhabitants clearly hunted although the bulk of the animal remains comprised domesticated animals, indicating a sedentary farming community, cattle herding and exploiting their secondary products.

With regard to the buried animals, it was not possible to determine if they had died of natural causes or if they were sacrificed. One interesting find is a dog (*Canis familiaris*) burial associated with a human skeleton and also, in another pit, together with other animals, two right mandibles of dog.

*Keywords: Zooarchaeology; Chalcolithic; Bronze Age; Dog burial.*

## Introdução

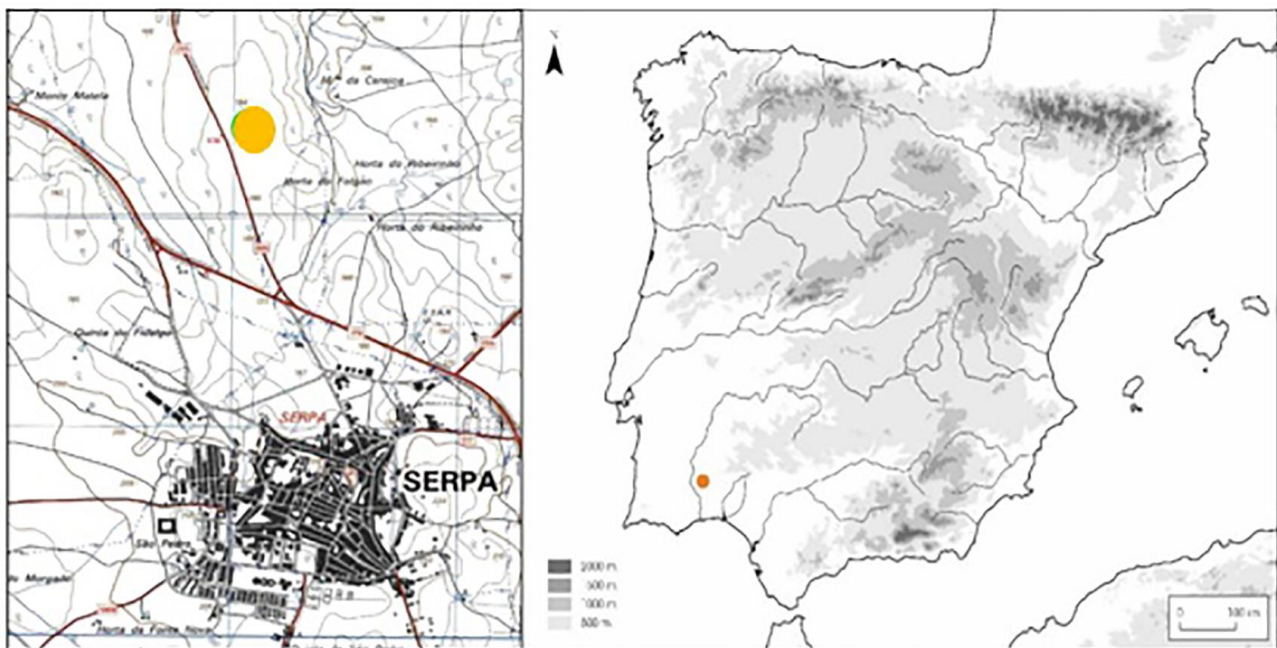
Os contextos arqueológicos de Alto de Brinches 3 (União de Freguesias de Salvador e Santa Maria, Serpa) foram revelados na sequência de trabalhos de minimização de impactes resultantes da construção do

Reservatório de Serpa-Norte, realizados em 2009 pela Palimpsesto – Estudo e Preservação do Património Cultural Lda. Este projecto integra-se no Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva da responsabilidade da EDIA SA. Estes vestígios arqueológicos poderão relacionar-se, de algum modo, com

uma ocupação do Neolítico Final/Calcolítico Inicial já referida na Carta Arqueológica de Serpa ([Lopes et al. 1997](#)) a partir da recolha, em prospecção superficial, de alguns fragmentos de cerâmica manual.

O sítio da intervenção localiza-se na Horta do Folgão, situado a cerca de 2 km a Norte de

Serpa ([Figura 1](#)), ocupando o topo e parte da vertente de um cabeço extenso, de contornos suaves, quase aplanados, nas proximidades de vários cursos de água que drenam para o Barranco da Retorta, localizado aproximadamente a 700 m para Sudeste ([Alves et al., 2010](#)).



**Figura 1 – Localização do sítio arqueológico de Alto de Brinches 3. Extracto da Carta Militar Portuguesa, folha nº 532, escala 1/25000. Mapa peninsular adaptado (imagem retirada de [http://tp.revistas.csic.es/public/journals/1/tp\\_mapa2010.jpg](http://tp.revistas.csic.es/public/journals/1/tp_mapa2010.jpg) - consultado a 20 de Setembro de 2016).**

A nível geológico, e de um modo sumário, esta zona localiza-se no maciço de Beja, inserindo-se em terrenos do Complexo Gabrodiorítico de Cuba, formação geológica composta por um conjunto heterogéneo de rochas que inclui desde gabros a granófiros, com a predominância de dioritos ([Piçarra et al., 1992](#)). Abundam os granitos desagregados do período Paleozóico, com o predomínio dos carbonatos (“Barros de Beja e Serpa”),

cobertos por argilas de aluvião. Estes agentes carbonatados são em parte os grandes responsáveis pela má preservação dos ossos, como será explicado posteriormente.

A altitude da área da intervenção arqueológica varia entre os 200 e os 230 metros, integrando-se numa extensa região de relevo suave e pouco acentuado que pertence ainda à designada penepalanície alentejana, muito embora a sua planura

máxima seja atingida nas zonas situadas a Oeste e a Sudoeste de Beja ([AAVV, 2002](#)).

Os contextos que aqui abordamos referem-se a cronologias do Calcolítico e da Idade do Bronze. No período Calcolítico, as espécies que se encontram melhor representadas são a ovelha e/ou cabra (*Ovis aries/Capra hircus*), seguidas do veado (*Cervus elaphus*). Na Idade do Bronze dá-se um aumento do consumo dos suídeos (*Sus sp.*). Existem outros elementos faunísticos recuperados (moluscos e mamíferos) aos quais não foi possível atribuir uma cronologia, optando por não se estudar esses elementos.

O estudo das faunas revelou uma comunidade agro-pastoril que explorava os recursos terrestres e aquáticos, estes últimos maioritariamente de origem fluvial. Procediam ainda ao enterramento de animais e de humanos em estruturas negativas, que haviam tido inicialmente um uso de cariz habitacional ou de apoio ao conjunto habitacional.

Refira-se ainda, que a origem destes restos não é sempre clara. Nem sempre foi possível esclarecer se se tratavam maioritariamente de desperdícios alimentares ou, em alguns casos, de enterramentos rituais. Segundo Schiffer ([1972](#)), desperdícios (alimentares e de outro tipo) podem ser primários ou secundários, sendo que, no segundo caso os restos são descartados fora da zona de uso, como parece ser o caso em Alto de Brinches, já que estas fossas não parecem ser zonas de habitação ou de actividade quotidiana. Binford ([1983](#)) refere ainda dois tipos de manutenção dos espaços, limpeza preventiva e limpeza *ad-hoc*. No primeiro caso os

desperdícios são encaminhados para uma zona específica da casa ou fora, que eventualmente são depois depositados em lixeiras. Nas limpezas *ad-hoc* os desperdícios são directamente colocados em lixeiras, nos casos etnográficos referidos pelo autor. Em Alto de Brinches 3 os restos desarticulados são provavelmente resultado de desperdícios alimentares ou de actividades do quotidiano, sendo despejadas em lixeiras após limpezas preventivas ou *ad-hoc*.

No caso dos esqueletos completos, podem tratar-se de enterramento ritual ou apenas de limpeza *ad-hoc*. Não tendo sido consumido, o animal pode ter morrido e para evitar o mau cheiro dos cadáveres sido depositado numa zona de desperdícios. Análises tafonómicas posteriores poderão ajudar a clarificar estes contextos.

### Enquadramento Arqueológico

A intervenção arqueológica possibilitou a identificação de 224 estruturas negativas correspondentes a várias ocupações humanas datadas desde o período Calcolítico até à Idade do Bronze. Foram ainda identificadas outras estruturas negativas, algumas sem possibilidade de classificação cronológico-cultural e outras que revelaram uma ocupação cuja diacronia se prolonga até à época Moderna/Contemporânea ([Alves et al., 2010](#)).

Os vestígios ocupacionais mais antigos do sítio são do período Calcolítico (ver [Figura 2](#)), tendo sido identificadas estruturas de carácter habitacional e funerário. Estas estruturas encontravam-se escavadas no substrato geológico e apresentavam



Devemos ainda tecer algumas breves considerações sobre a aferição cronológica destes contextos, que se poderá considerar excessivamente genérica. Por um lado, o carácter preliminar do estudo dos materiais arqueológicos recolhidos no decurso da intervenção arqueológica, por outro, o facto de estarmos perante um sítio arqueológico onde não é possível estabelecer relações stratigráficas directas entre as várias estruturas identificadas. Assim, e dada também a sobreposição de várias ocupações humanas num mesmo espaço, é sempre problemático generalizar a datação de um contexto para outro, pois, ao longo do processo de escavação e de amortização destas estruturas, materiais arqueológicos de diferentes períodos poderão aparecer inseridos no mesmo estrato ([Valera, 2013](#)). A isto, haverá ainda que somar o facto de muitas vezes os elementos cronologicamente relevantes estarem presentes em número reduzido. Tendo estes considerandos em atenção é, apesar de tudo, possível apresentar alguns elementos que poderão esclarecer um pouco mais esta questão. A cerâmica calcolítica de Alto de Brinches 3 caracteriza-se por uma grande presença de potes/esféricos, muito embora o seu número não seja superior ao grupo constituído pelas formas abertas. Relativamente a este último conjunto, verifica-se que os pratos apresentam as paredes internas alisadas, em contraponto com algumas paredes externas que receberam menos atenção, apresentando um tratamento mais descuidado. Os bordos são espessados, existindo alguns exemplares almendrados, assim como outros que exibem

um reforço ora interior, ora exterior. Predominam esmagadoramente as formas lisas, tendo sido recolhidos apenas dois fragmentos com decoração incisa (círculos incisos no interior de triângulos), com preenchimento de pasta branca. A presença expressiva das taças carenadas e de pesos placas (num total de 159 elementos registados contra apenas um possível elemento pertencente a um crescente), associada à quantidade de pratos de bordos espessados e dos típicos bordos reforçados interna e exteriormente, parecem apontar para uma ocupação correspondente ao Calcolítico Inicial ([Alves \*et al.\*, 2014](#)). Isto, muito embora a utilização crono-cultural da tipologia dos elementos de tear se revista de alguma complexidade ([Costeira, 2013](#)).

Na componente cerâmica atribuída à Idade do Bronze dominam tipologicamente os potes, dos quais alguns apresentam mamilos de configurações diversas, em seguida, surgem as taças com e sem carena. Estas apresentam fabricos depurados, conforme se comprova pelo apuro colocado na preparação das pastas e no acabamento das superfícies, que são sempre alisadas, ou extremamente bem polidas e brunidas. De referir ainda a identificação de alguns morfotipos característicos da “Idade do Bronze do Sudoeste” como uma taça de tipo Odivelas, recolhida no interior da fossa/silo [230] num contexto claramente secundário ([Alves \*et al.\*, 2014](#)).



## Metodologia

Foram inventariados os restos faunísticos vertebrados recuperados no decorrer das intervenções arqueológicas de Alto de Brinches. Optou-se por contabilizar todas as partes do esqueleto, inclusive as que não permitem identificação da espécie.

A identificação taxonómica teve como base as colecções de referência do Laboratório de Arqueociências da Direcção Geral do Património Cultural (LARC-DGPC), complementado com alguns esqueletos da colecção da Uniarq (Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa) e a ajuda do atlas de osteologia animal de Schmid (1972).

Tal como definido em Valente (1997), o Número de Restos Determinados (NRD) foi usado para quantificar os restos identificados taxonómica e morfológicamente e o Número Mínimo de Indivíduos (NMI) foi calculado dividindo o número de vezes que o elemento mais frequente aparece no esqueleto (normalmente um osso longo que é dividido por dois). Os critérios de idade ou tamanho não foram utilizados para calcular o NMI.

Para a análise referente ao desgaste dos dentes, foram utilizadas as escalas de padrões de desgaste publicadas por Grant (1982) para os suídeos e as escalas de Payne (1987) para as ovelhas e cabras. Relativamente ao exemplar de cão (*Canis familiaris*), a identificação taxonómica seguiu o padrão referido, complementado com a medição dos dentes tal como definido por Detry e Cardoso (2010), e o seu desgaste registado segundo a escala de desgaste definida por Horard-Herbin (2000) para os canídeos domésticos. Nos invertebrados, foram registados apenas os

fragmentos com tamanho superior a 0,5 cm, sendo sempre referido se se tratava de um elemento de charneira, ápex ou de um fragmento (Macedo, 1996).

## Resultados

Foram estudados os restos de invertebrados (moluscos) e de vertebrados (mamíferos) recuperados no decorrer das intervenções.

Relativamente aos moluscos, a [Tabela 1](#) indica os dados relativos aos mesmos. Do período Calcítico foram recuperados 525 restos correspondentes a pelo menos 234 indivíduos (ver [Tabela 1](#)). Relativamente à Idade do Bronze constata-se uma ligeira redução, pois o número de elementos recolhidos perfaz 228, correspondendo a um número mínimo de indivíduos de 67 (ver [Tabela 1](#)). Estes dados parecem sugerir um maior índice de fragmentação das conchas durante a Idade do Bronze.

Na [Tabela 2](#) é possível ver o Número de Restos Determinados (NRD) e o Número Mínimo de Indivíduos (NMI) por espécie de mamíferos, com um total de 300 restos correspondentes a pelo menos 25 indivíduos (16 do período Calcítico e 9 da Idade do Bronze).

### *Calcítico - Invertebrados*

Grande parte da fauna malacológica ([Tabela 1](#)) recuperada pertence efectivamente a camadas de onde também foi recolhida fauna mamalógica (ver [Tabela 3](#)). Apesar da maioria das espécies ser de origem fluvial, a presença de alguns moluscos marinhos indica a possibilidade destas comunidades se

deslocarem no território, tendo contactos directos ou indirectos com a linha de costa, de onde estes foram trazidos.

A espécie pertencente aos gastrópodes terrestres registada com maior frequência

neste conjunto é o caracol (cf. *Theba pisana*), com 130 elementos completos e 51 fragmentos, seguido da *Rumina decollata* (caracol de topo cortado), com 91 indivíduos completos e 162 fragmentados e do *Oxyloma elegans* com três restos recuperados.

**Tabela 1 – Invertebrados recuperados no sítio de Alto de Brinches 3, em ambos os períodos.**

	Calcolítico			Bronze			Total	
	Inteiros	Frag.	Apex	Total Calcolítico	Inteiros	Frag.		Total Bronze
<b>Bivalvia</b>								
<i>Arctica islandica</i>	–	4	1	5	–	1	1	6
<i>Pinctada margaritifera</i>	5	32	1	38	–	–	–	38
cf. <i>Margaritifera</i>	–	4		4	1	–	1	5
<i>Pecten maximus</i>	–	11	1	12	–	–	–	12
<i>Callista chione</i>	1	–	–	1	–	–	–	1
<i>Ruditapes decussatus</i>	–	2	–	2	–	–	–	2
<b>Gastropoda</b>								
<i>Oxyloma elegans</i>	2	1	–	3	–	1	1	4
<i>Rumina decollata</i>	91	162	–	253	–	122	122	375
cf. <i>Theba pisana</i>	130	51	–	181	66	26	92	273
Indeterminados	–	24	2	26	–	11	11	37
<b>Total</b>	<b>229</b>	<b>291</b>	<b>5</b>	<b>525</b>	<b>67</b>	<b>161</b>	<b>228</b>	<b>753</b>

Já nos moluscos bivalves (de água salgada e doce), a espécie mais abundante é o mexilhão de água-doce (*Margaritifera sp.*) com 37 restos. Colocamos como pertencente a esta espécie, mais quatro fragmentos que se assemelham muito com este mexilhão, mas, cujo reduzido tamanho, não nos permite afirmá-lo com certeza.

Identificámos também 11 fragmentos de vieira (*Pecten maximus*), quatro de clame-islandesa (*Arctica islandica*), dois de amêijoabo (*Ruditapes decussatus*) e uma concha completa de clame-dura (*Callista chione*).

Foram ainda registados 26 fragmentos de concha de molusco cuja espécie não foi possível identificar. Apenas os fragmentos de clame-islandesa, mexilhão de água-doce e de vieira foram encontrados em camadas onde estavam depositados mamíferos.

Também foi atestada a presença de moluscos terrestres (*Rumina decollata* e o caracol) em camadas de fauna mamalógica. No entanto, a sua presença nestas camadas poderá ser intrusiva.



**Tabela 2 – Número de Restos Determinados (NRD) e Número Mínimo de Indivíduos (NMI), e suas percentagens, por período cronológico, das faunas recuperadas em Alto de Brinches 3.**

	Calcolítico				Bronze			
	NRD		MNI		NRD		NMI	
	N	%	N	%	N	%	N	%
<i>Bos sp.</i> (Bovídeos)	16	10%	2	12%	–	–	–	–
<i>Ovis/Capra</i> (Caprinos)	72	45%	4	25%	3	3%	1	11%
<i>Sus sp.</i> (Suídeos)	27	17%	2	13%	106	91%	6	67%
<i>Cervus elaphus</i> (Veado)	30	16%	3	19%	2	2%	1	11%
<i>Oryctolagus cuniculus</i> (Coelho-bravo)	2	1%	1	6%	–	–	–	–
<i>Canis familiaris</i> (Cão)	35	22%	3	19%	–	–	–	–
Carnívoro	1	1%	1	6%	1	1%	1	11%
Macrofauna	–	–	–	–	2	2%	0	0%
Mesofauna	–	–	–	–	3	3%	0	0%
<b>Total</b>	<b>183</b>	<b>100%</b>	<b>16</b>	<b>100%</b>	<b>117</b>	<b>100%</b>	<b>9</b>	<b>100%</b>

No caso específico dos bivalves marinhos, o afastamento do sítio arqueológico (Serpa) relativamente ao litoral (a mais de 90 km de distância, tanto para a costa Sul como para a costa Oeste) demonstra o transporte destes elementos até às populações interiores. Fica, no entanto, por esclarecer se os bivalves chegariam ainda aptos para consumo ou, se o seu aproveitamento se resumia apenas à concha. No conjunto encontraram-se ainda dois fragmentos de vieira com vestígios de fogo o que pode indiciar, eventualmente, algum uso ritual desta concha que, se fosse cozinhada, não mostraria marcas de combustão tão intensas.

O mexilhão de água-doce habita essencialmente os rios. A sua identificação em Alto de Brinches 3 não é de estranhar, dada a proximidade deste sítio arqueológico quer a pequenas linhas de água, quer a outras de maior caudal, como a Ribeira do Enxoé, ou até

mesmo relativamente ao rio Guadiana. A presença destes elementos de malacofauna em contexto arqueológico indica, claramente, o grau de aproveitamento dos recursos aquáticos existentes nas proximidades da área de fixação destas comunidades agro-pastoris.

Quanto aos moluscos terrestres, os *Rumina decollata* e os caracóis, preferem ambientes mais secos e pouco húmidos (Matos, 2014). O *Oxyloma elegans*, ao contrário dos anteriores, prefere lugares húmidos e sombrios, como lameiros ou margens de rios (Matos, 2014). A presença destes em Alto de Brinches 3 pode indiciar a sua recolha junto do leito das ribeiras e seu conseqüente transporte, muito provavelmente de forma não intencional, já que o seu pequeno tamanho e reduzido número torna pouco provável a sua utilidade alimentar.

**Tabela 3 – Unidades estratigráficas nas quais se identificaram moluscos terrestres e marinhos em associação com restos de mamíferos, do período Calcolítico.**

U.E.	Fauna malacológica	Fauna mamalógica
[9]	<i>Rumina decollata</i> e indeterminada	<i>Ovis</i> e/ou <i>Capra</i> ; <i>Sus</i> sp.; <i>Cervus elaphus</i> ; <i>Bos</i> sp. e <i>Oryctolagus cuniculus</i>
[7]	Bivalve indeterminado	<i>Sus</i> sp.; Carnívoro; <i>Cervus elaphus</i> e <i>Ovis</i> e/ou <i>Capra</i>
[12]	<i>Margaritifera</i> sp.	<i>Ovis</i> e/ou <i>Capra</i> ; <i>Cervus elaphus</i> e <i>Bos</i> sp.
[25]	<i>Arctica islandica</i>	<i>Ovis</i> e/ou <i>Capra</i> e <i>Canis familiaris</i>
[56]	<i>Rumina decollata</i> ; <i>Arctica islandica</i> ; <i>Pecten maximus</i> e <i>cf. Theba pisana</i>	<i>Sus</i> sp. e <i>Ovis</i> e/ou <i>Capra</i>
[58]	<i>Rumina decollata</i>	<i>Sus</i> sp.
[171]	<i>Pecten maximus</i> ; <i>Rumina decollata</i> e <i>cf. Theba pisana</i>	<i>Bos</i> sp.; <i>Sus</i> sp. e <i>Ovis</i> e/ou <i>Capra</i>
[235]	<i>Margaritifera</i> sp.	<i>Canis familiaris</i> e <i>Ovis</i> e/ou <i>Capra</i>
[267]	Bivalve indeterminado	<i>Sus</i> sp.
[283]	<i>Cf. Margaritifera</i>	<i>Ovis</i> e/ou <i>Capra</i>

### Calcolítico - Vertebrados

No que respeita às faunas mamalógicas, os restos de animais encontrados e identificados correspondem a gado bovino ou auroque (*Bos* sp.), cabra (*Capra hircus*) ou ovelha (*Ovis aries*), javali ou porco (*Sus* sp.), veado (*Cervus elaphus*), coelho-bravo (*Oryctolagus cuniculus*) e cão (*Canis familiaris*).

A maioria dos enterramentos de mamíferos parece conter um determinado simbolismo que importa analisar cuidadosamente, já que a maior parte vem acompanhada de uma grande quantidade de fragmentos cerâmicos, que aparentam ter sido colocados estrategicamente em redor dos esqueletos (tanto de animais como de humanos). Em contextos Calcolíticos, a

presença de fauna manifesta-se sobretudo através da identificação de diversas espécies distintas num mesmo contexto com restos desarticulados, como é o caso da UE [235] onde foram identificados grandes bovinos, caprinos e veado.

Os animais mais frequentes neste conjunto faunístico são os caprinos, representados pelo número de 72 restos determinados (relativo ao número mínimo de pelo menos quatro indivíduos). Mesmo surgindo em diversas unidades estratigráficas, estes constituem apenas ossos soltos, sem qualquer associação a esqueletos completos.

*Bos sp.* (auroque ou gado-bovino)

Relativamente aos grandes bovinos presentes nestes contextos arqueológicos, não foi possível aferir se correspondem a *Bos taurus* (boi) ou a *Bos primigenius* (auroque). Os achados provenientes dos diversos contextos são em número reduzido, tendo sido recuperados uma escápula, uma mandíbula, um metápode, uma falange I e 12 dentes ([Tabela 4](#)), não sendo possível aferir se estes se encontravam em articulação ou não.

A partir da observação dos dentes recolhidos ([Figura 3](#) e [Tabela 5](#)), é possível identificar dois grupos distintos. Um grupo de cinco dentes apresenta-se com um desgaste menos acentuado e outro de quatro dentes com o desgaste muito acentuado (sendo todos provenientes da UE [274]). Foram detectados dois dentes decíduos (dp4), também da UE [274], demonstrando a presença de pelo menos um animal com menos de 1 ano. Neste contexto, em particular, parecem ter sido assim depositados animais muito jovens, bem como animais mais velhos, utilizados provavelmente em funções secundárias como por exemplo, entre outras, o transporte de bens e pessoas.

*Capra hircus* (cabra) e *Ovis aries* (ovelha) - Caprinos

É difícil diferenciar as duas espécies de caprinos já que os esqueletos são muito semelhantes, contudo, sempre que foi possível utilizou-se a designação de *Ovis aries* e *Capra hircus*.

Foram ainda encontrados dois chifres de ovelha (UE [59] ([Figura 4](#)) e [283]), semelhantes a um exemplar encontrado na fossa I do Povoado dos Perdigões ([Costa, 2013](#)). Quanto à existência ou não de ossos em articulação, estes não foram passíveis de serem verificados na sua totalidade, mas, em alguns casos, nomeadamente nos restos mandibulares e nos chifres, estes elementos encontravam-se em desarticulação.

Relativamente ao desgaste dos dentes e respectivas idades dos caprinos ([Figura 5](#)), encontramos dois grupos diferentes. Um engloba um grupo de animais que poderá ter atingido uma idade mais avançada, com cerca de 8 e 10 anos, e um segundo que agrupa animais de idades inferiores, entre poucos meses e 4 anos se compararmos com os dados de Payne ([1987](#)). Estes dados podem sugerir que os animais mais velhos seriam os responsáveis pelo fornecimento de lã e leite, e poderiam ser até mesmo bons animais reprodutores e por isso poupados, enquanto os mais novos serviriam principalmente para a alimentação.

*Sus sp.* (javali ou porco)

A presença de suídeos confirma-se através da identificação de 27 fragmentos. A diferença entre javali e porco pode ser observável através das dimensões esqueléticas, apresentando o javali, em geral, medidas superiores ao porco. Contudo, na Península Ibérica verifica-se a existência de algum grau de sobreposição nas medidas de ossos e dentes entre a espécie doméstica e a selvagem ([Albarella et al., 2005](#)) tornando esta tarefa mais difícil. Uma das formas mais

fiáveis de diferenciar os dois é através da medição do terceiro molar inferior, já que, um dos parâmetros de alteração resultantes da domesticação é a dimensão do tamanho do animal, do crânio e da mandíbula, e por consequência dos dentes.

O elevado estado de fragmentação dos dentes e ossos de suídeos recolhidos impossibilitou a obtenção de medidas diferenciadoras entre as duas espécies (apenas dois molares (M3) provenientes das UE [58] e [171]). Do mesmo modo, o reconhecimento do grau de desgaste dos

dentes também foi difícil de obter; contudo, foi detectada a presença de juvenis com cerca de 4 meses. A sua morte poderá ter sido para consumo ou de origem natural. Foram identificados dois dentes de juvenil (dp4 de duas mandíbulas direitas distintas) (Tabela 5), ambos provenientes da mesma fossa. A UE [623], na qual foram recuperados, forneceu apenas dentição de *Sus sp.* pertencente pelo menos a dois indivíduos distintos. Situação idêntica foi observada na UE [607] da Idade do Bronze, de onde também provieram apenas restos de *Sus sp.*

**Tabela 4 – Número de restos determinados (NRD) de ossos do esqueleto dos mamíferos recuperados em Alto de Brinches 3 de cronologia Calcólítica.**

NRD	<i>Bos sp.</i> (Bovídeos)	<i>Ovis/Capra</i> (Caprinos)	<i>Sus sp.</i> (Suídeos)	<i>Cervus elaphus</i> (Veado)	<i>O. cuniculus</i> (Coelho-bravo)	<i>Canis familiaris</i> (Cão)	<i>Canidae</i>
Hastes		2		29			
Crânio - Occipital		1					
Mandíbula	1	8	1			3	
Atlas						1	
Axis						1	
Escápula	1		2		1		
Úmero			1				
Rádio						2	
Cúbito						2	
Metacarpo			1			1	
Pélvis		2	3				1
Fémur		1	1		1		
Tíbia		2					
Astrágalo		1					
Metatarso						1	
Metápode	1	1	1	1			
Falange I	1	2	1			1	
Falange II		3					
Falange III		1					
Total	16	71	27	30	2	35	1

**Tabela 5 – Número de restos determinados (NRD) de dentes do esqueleto dos mamíferos recuperados em Alto de Brinches 3 de cronologia Calcolítica.**

NRD	<i>Bos</i> sp. (Bovídeos)	<i>Ovis/Capra</i> (Caprinos)	<i>Sus</i> sp. (Suídeos)	<i>Canis familiaris</i> (Cão)
I1		1		
I2		1		
I3		1		
incisivos	2	2	6	6
caninos				2
Dp3	1	1		
Dp4	2	3	2	
p1				2
p2				2
p3			3	3
p4		7	1	3
M1	1	8		3
M2		5		1
M3	1	5	2	1
M1/2	5	13	2	
Total	12	47	16	23

**Figura 3 – Estimativa da idade de abate de *Bos* sp., através da análise do desgaste dos dentes classificadas por escalões de desgaste definidos por Grant (1982).**

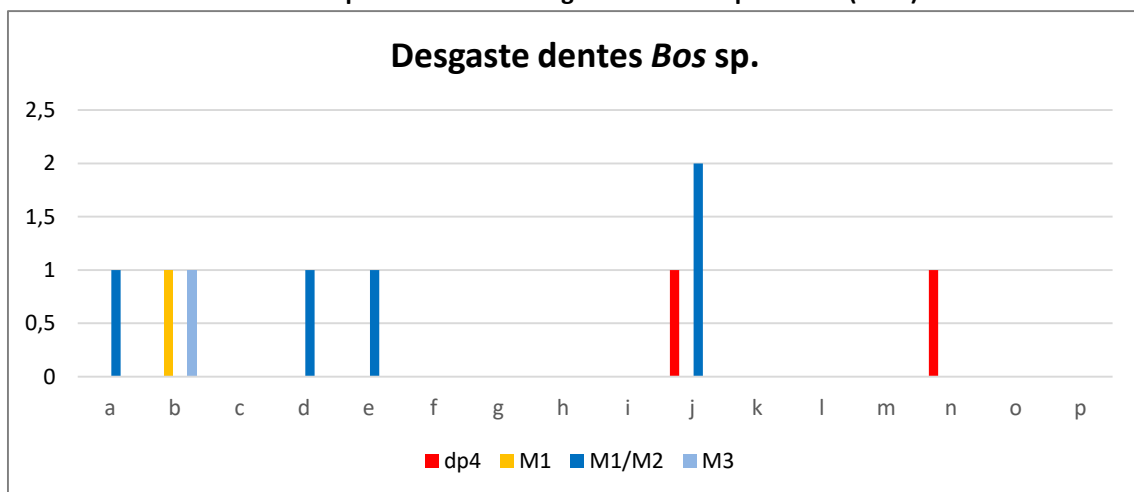




Figura 4 - Fragmento de chifre de *Ovis aries*. Alto de Brinches 3. UE [59].

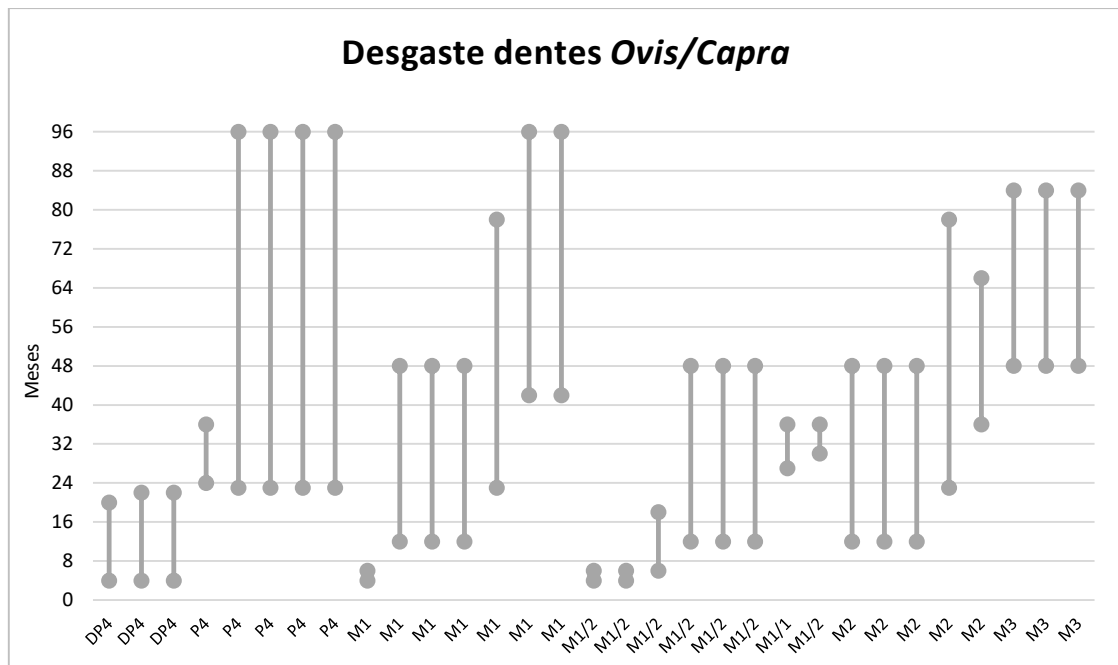


Figura 5 – Estimativa da idade de abate de *Ovis/Capra*, através das escalas de padrões de desgaste definidas por Payne (1987) e a idade estimada por Deniz e Payne (1982).



*Cervus elaphus* (veado)

Encontra-se também atestada a caça de veados, tal como acontece também em Porto Torrão, onde a actividade de caça é um importante elemento junto destas comunidades ([Pereira, 2016](#)). Foram maioritariamente recolhidas hastes, extremamente fragmentadas (28 fragmentos e uma base de haste) e um fragmento de metápode. Contudo, a única roseta e pivot (base de haste) completos de haste aparecem intactos, provenientes da UE [7], ([Figura 6](#)) demonstrando que aquela caiu naturalmente e que foi posteriormente recolhida. O facto de existirem mais hastes que restos osteológicos pode significar que estas teriam sido recolhidas e colocadas nas fossas como oferenda, juntamente com fragmentos cerâmicos e líticos, como é o exemplo da UE [235], onde também surgem restos de ovelha e/ou cabra, mandíbulas de *Bos sp.* e cão. Surgem também fragmentos de haste de veado em relação com outros animais nas UE [12] e [9]. Nas fossas das UE [237] e [233] apenas foram recuperados dois e 11 fragmentos de haste, respectivamente.

*Oryctolagus cuniculus* (coelho-bravo)

No que concerne ao coelho, não se pode avaliar bem qual a sua real importância na amostra em estudo, não sendo possível perceber se a sua presença se deve a intrusão ou a consumo. Apenas foram encontrados dois fragmentos (fémur e escápula) ([Tabela 4](#)) no mesmo contexto (UE [9], que corresponde ao topo da estrutura [290]), provavelmente pertencentes ao mesmo indivíduo.

*Canis familiaris* (cão)

No que diz respeito aos carnívoros, estes encontram-se representados por três indivíduos de *Canis familiaris* (duas mandíbulas de indivíduos distintos e o esqueleto quase completo de um terceiro) e uma pélvis cuja espécie não conseguimos identificar, mas que pertencerá, provavelmente, a um canídeo.

A distinção anatómica entre lobos e cães é difícil, pois são espécies muito semelhantes, sendo o tamanho a diferença mais significativa. A redução do porte e o encurtamento do focinho (e consequente diminuição do tamanho dos dentes) são ferramentas que podem ajudar a diferenciar as duas espécies ([Detry e Cardoso, 2010](#)).

No Neolítico e Calcolítico são frequentes os enterramentos de cães em fossas e fossos que podem ocorrer sob quatro formas ([Valera \*et al.\*, 2010](#)):

- a) deposição de cão inteiro isolado, associado a restos de outros animais ou não;
- b) deposição de vários cães inteiros, associados a outros animais ou não;
- c) deposição de restos de cão desarticulados, principalmente patas e partes cranianas, isoladas ou associadas a outros animais;
- d) deposição de cães ou de restos desarticulados associados a restos humanos.



Figura 6 - Pivot e roseta de haste de *Cervus elaphus*, proveniente da UE [7]



Figura 7 - Fotografia da UE [481]. Enterramento de *Canis familiaris* ao centro, rodeado de pedras, e a Noroeste, enterramento humano junto da parede da fossa.

O exemplar de Alto de Brinches 3 ([Figura 7](#)) proveniente da fossa [586] e UE [481], aparece na posição Oeste-Este no centro da estrutura. A Noroeste, na direcção da cabeça do animal, junto da parede da fossa, foram depositadas as ossadas de um indivíduo de idade avançada, do sexo feminino (UE [505]), em posição primária ([Rodrigues et al, 2012](#)). O animal encontrava-se envolto num anel pétreo composto por blocos graníticos de médias e grandes dimensões. Junto da zona próxima ao crânio do cão, este contorno pétreo ligava-se ao enterramento humano de uma mulher idosa através de um alinhamento pétreo disposto intencionalmente ([Inocêncio e Porfírio, 2014](#); [Porfírio e Serra, 2014](#)).

Devido ao elevado grau de fragmentação, não se identificaram 206 ossos (entre eles três fragmentos de costelas, dois de vértebras, 14 de ossos longos e 187 ossos indeterminados). Estes restos pertencem ao mesmo cão, tendo sido recuperados na mesma fossa, exumado praticamente completo.

Foi possível registar ossos dos membros anteriores e posteriores de cão, o que leva a crer que o animal não teve qualquer fim para consumo como costumava ocorrer na Idade do Bronze ([Valera et al., 2010](#)). Não foi possível aferir a idade à morte através do desgaste dentário por falta do M1 inferior, tendo a estimativa sido obtida através da observação da fusão das epífises e diáfises do rádio e da ulna. Assim, foi determinado que o animal teria mais de 9 meses, pois o rádio e a ulna fundem entre os 5 e os 9 meses de idade ([Habermehl, 1975](#)).

Numa outra fossa foram encontradas mais duas mandíbulas direitas de cão provenientes da UE [235] ([Figura 8](#)) em conjunto com ossadas de ovelha e/ou cabra e mandíbula de bovídeo. Numa das mandíbulas foi possível detectar, através do desgaste do M1 (escala de Horard-Herbin, [2001](#)), um animal jovem provavelmente com idade situada entre os 6 e os 36 meses. Nesta unidade surgiu apenas mais um fragmento de ulna de cão, já fundida, indicando que o animal teria pelo menos 8 meses de idade (fusão da ulna – entre os 5 e os 8 meses) ([Habermehl, 1975](#)). Caso se tratem de ossos de um mesmo indivíduo, este teria entre 6 e 36 meses de idade. No entanto, existe a hipótese de serem exemplares distintos. Contudo, as idades atribuídas a cada elemento ósseo individualmente parecem complementar-se. Tratar-se-ia de um cão de tamanho médio, tal como o da UE [481], sendo também menor que alguns exemplares conhecidos em Portugal (e.g. Muge e Anta 3 de Santa Margarida (STAM-3), ver [Tabela 3](#); [Detry e Cardoso, 2010](#) e [Gonçalves, 2003a](#)). As medidas obtidas para o M1 inferior (19,1 mm de comprimento e 7,9 mm de largura) deste canídeo, colocam-no no intervalo de medidas obtidas para esta espécie neste período ([Tabela 6](#) e [Figura 9](#)). Estas medidas aproximam-se bastante das obtidas para um dos cães recuperados dos concheiros de Muge (ver [Tabela 6](#): 20,5mm de comprimento e 8,5mm de largura para Muge 2; [Detry e Cardoso, 2010](#)). Foram ainda identificados dois fragmentos de rádio provenientes das UE [25] e [234]. Estes dois elementos encontravam-se fundidos indicando que se

tratariam de animais com idade igual ou superior a 9 meses ([Habermehl, 1975](#)).

#### *Idade do Bronze - Invertebrados*

Com esta cronologia identificaram-se 228 moluscos. Contudo, as unidades estratigráficas de onde estes foram recuperados não apresentam relação directa com os estratos de onde foi recolhida fauna mamalógica, exceptuando o caso da UE [197] de onde proveio um elemento de *Rumina decollata* fragmentada (em coexistência com restos de veado e macrofauna).

Registaram-se restos de apenas duas espécies de gastrópodes terrestres ([Tabela 1](#)). Muito possivelmente, integraram o solo em busca de abrigo e matéria orgânica e, dificilmente, terão sido consumidos ou colocados ali por mão humana.

Comparativamente ao período Calcolítico, onde foram registadas oito espécies diferentes de moluscos, na Idade do Bronze dá-se um decréscimo acentuado destes elementos (apenas com quatro elementos). Esta redução de espécies presentes manifesta-se igualmente na fauna mamalógica recuperada. Este facto poderá relacionar-se com o momento de abandono do sítio arqueológico neste período.

No caso dos suídeos estamos provavelmente na presença de várias deposições intencionais de animais inteiros em articulação sem qualquer marca que indique o seu consumo. O carácter ritual parece difícil de resolver já que não foram recuperados materiais votivos no conjunto, assim, o objectivo destas deposições é difícil de descortinar.



**Figura 8 - Unidade Estratigráfica [235], com hastes de cervídeo (1), restos osteológicos de *Ovis/Capra* (2), mandíbula de *Bos sp.* (3) e *Canis familiaris* (4) acompanhados de alguns fragmentos de cerâmica (5).**



**Tabela 6 -Medidas de M1 de cães e lobos provenientes de vários sítios arqueológicos e exemplares de referência para comparação com Alto de Brinches 3 (Detry & Cardoso, 2010; Gonçalves, 2003a)**

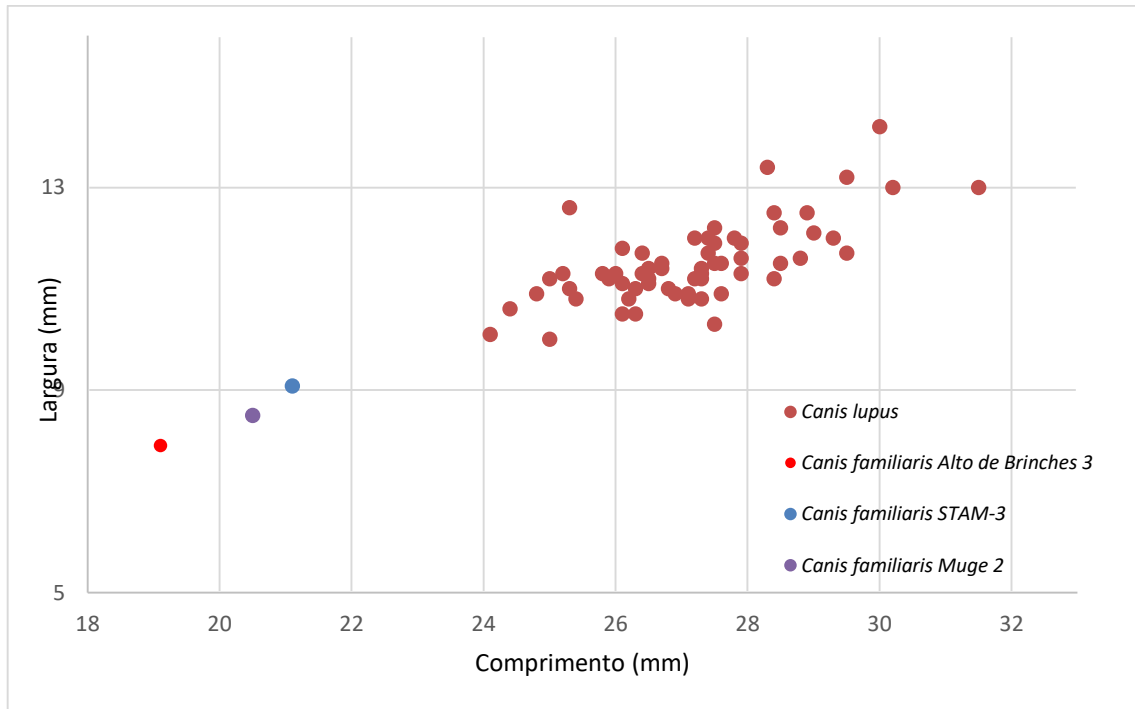
Sítios Arqueológicos	Espécie	Sexo	Comprimento	Largura	Desgaste
Alto de Brinches 3 (nº 52)	<i>Canis familiaris</i>	?	19,1	7,9	Cd
Cabeço Amoreira (Muge 1)	<i>Canis familiaris</i>	?	21,6	-	-
Cabeço Amoreira (Muge 2)	<i>Canis familiaris</i>	?	20,5	8,5	-
STAM - 3	<i>Canis familiaris</i>	?	21,1	9,08	-
Museu Nacional de História Natural (00.00.52)	<i>Canis lupus</i>	M	28.9	12,5	-
Museu Nacional de História Natural (83.02.05)	<i>Canis lupus</i>	M	27,3	11,3	-
Museu Nacional de História Natural (85.02.12)	<i>Canis lupus</i>	M	28,5	12,2	-
Museu Nacional de História Natural (83.00.18)	<i>Canis lupus</i>	M	30	14.2	-
Museu Nacional de História Natural (82.02.20)	<i>Canis lupus</i>	M	29	12,1	-
Museu Nacional de História Natural (86.00.19)	<i>Canis lupus</i>	M	25,9	11,2	-
Museu Nacional de História Natural (82.00.34)	<i>Canis lupus</i>	M	27,4	11,7	-
Museu Nacional de História Natural (82.00.35)	<i>Canis lupus</i>	M	25,8	11,3	-
Museu Nacional de História Natural (88.02.31)	<i>Canis lupus</i>	M	27.1	10.8	-
Museu Nacional de História Natural (86.10.29)	<i>Canis lupus</i>	M	26.5	11.4	-
Museu Nacional de História Natural (87.12.30)	<i>Canis lupus</i>	M	27.5	11.5	-
Museu Nacional de História Natural (88.02.40)	<i>Canis lupus</i>	M	27.2	12.0	-
Museu Nacional de História Natural (88.04.43)	<i>Canis lupus</i>	M	26.5	11.1	-
Museu Nacional de História Natural (89.02.47)	<i>Canis lupus</i>	M	30.2	13.0	-
Museu Nacional de História Natural (86.12.44)	<i>Canis lupus</i>	M	27.5	11.9	-
Museu Nacional de História Natural (90.00.59)	<i>Canis lupus</i>	M	28.4	12.5	-
Museu Nacional de História Natural (89.00.63)	<i>Canis lupus</i>	M	27.5	12.2	-
Museu Nacional de História Natural (93.00.71)	<i>Canis lupus</i>	M	28.5	11.5	-
Museu Nacional de História Natural (93.00.72)	<i>Canis lupus</i>	M	26.7	11.5	-
Museu Nacional de História Natural (90.10.69)	<i>Canis lupus</i>	M	25.3	12.6	-
Museu Nacional de História Natural (90.11.69)	<i>Canis lupus</i>	M	27.9	11.3	-
Museu Nacional de História Natural (91.12.73)	<i>Canis lupus</i>	M	28.3	13.4	-
IGESPAR (54)	<i>Canis lupus</i>	M	27.3	11.4	-
IGESPAR (743)	<i>Canis lupus</i>	M	27.9	11.6	-
IGESPAR (1326)	<i>Canis lupus</i>	M	27.4	12.0	-
IGESPAR (1346)	<i>Canis lupus</i>	M	29.5	11.7	-
IGESPAR (1436)	<i>Canis lupus</i>	M	27.8	12.0	-
IGESPAR (1465)	<i>Canis lupus</i>	M	27.6	11.5	-

**Tabela 6 -Medidas de M1 de cães e lobos provenientes de vários sítios arqueológicos e exemplares de referência para comparação com Alto de Brinches 3 (Detry & Cardoso, 2010; Gonçalves, 2003a) (cont.).**

Sítios Arqueológicos	Espécie	Sexo	Comprimento	Largura	Desgaste
IGESPAR (1466)	<i>Canis lupus</i>	M	28.4	11.2	-
IGESPAR (1505)	<i>Canis lupus</i>	M	31.5	13.0	-
IGESPAR (1547)	<i>Canis lupus</i>	M	26.9	10.9	-
IGESPAR (1695)	<i>Canis lupus</i>	M	25.2	11.3	-
IGESPAR (1699)	<i>Canis lupus</i>	M	27.6	10.9	-
IGESPAR (1704)	<i>Canis lupus</i>	M	27.1	10.9	-
IGESPAR (1722)	<i>Canis lupus</i>	M	28.8	11.6	-
IGESPAR (1725)	<i>Canis lupus</i>	M	29.3	12.0	-
IGESPAR (1731)	<i>Canis lupus</i>	M	27.9	11.9	-
IGESPAR (1733)	<i>Canis lupus</i>	M	29.5	13.2	-
IGESPAR (1794)	<i>Canis lupus</i>	M	27.3	10.8	-
IGESPAR (1940)	<i>Canis lupus</i>	M	26.0	11.3	-
IGESPAR (1983)	<i>Canis lupus</i>	M	26.1	11.1	-
Museu Nacional de História Natural (00.00.07)	<i>Canis lupus</i>	F	26.1	11.8	-
Museu Nacional de História Natural (00.01.07)	<i>Canis lupus</i>	F	27.3	11.2	-
Museu Nacional de História Natural (77.11.01)	<i>Canis lupus</i>	F	26.3	10.5	-
Museu Nacional de História Natural (85.00.25)	<i>Canis lupus</i>	F	26.8	11.0	-
Museu Nacional de História Natural (82.00.32)	<i>Canis lupus</i>	F	24.1	10.1	-
Museu Nacional de História Natural (82.00.33)	<i>Canis lupus</i>	F	24.4	10.6	-
Museu Nacional de História Natural (86.05.27)	<i>Canis lupus</i>	F	26.1	10.5	-
Museu Nacional de História Natural (82.00.36)	<i>Canis lupus</i>	F	25.0	10.0	-
Museu Nacional de História Natural (87.12.28)	<i>Canis lupus</i>	F	24.8	10.9	-
Museu Nacional de História Natural (87.01.45)	<i>Canis lupus</i>	F	26.5	11.2	-
Museu Nacional de História Natural (85.10.38)	<i>Canis lupus</i>	F	26.4	11.3	-
Museu Nacional de História Natural (91.06.60)	<i>Canis lupus</i>	F	26.3	11.0	-
Museu Nacional de História Natural (91.00.70)	<i>Canis lupus</i>	F	26.7	11.4	-
Museu Nacional de História Natural (90.12.64)	<i>Canis lupus</i>	F	25.0	11.2	-
Museu Nacional de História Natural (93.00.75)	<i>Canis lupus</i>	F	25.3	11.0	-
Museu Nacional de História Natural (91.11.74)	<i>Canis lupus</i>	F	27.2	11.2	-
IGESPAR (1446)	<i>Canis lupus</i>	F	26.4	11.7	-
IGESPAR (1504)	<i>Canis lupus</i>	F	26.2	10.8	-
IGESPAR (1740)	<i>Canis lupus</i>	F	27.5	10.3	-
IGESPAR (1845)	<i>Canis lupus</i>	F	25.4	10.8	-



Figura 9 - Gráfico relacionado com a [Tabela 8](#). Mostra o posicionamento do cão de Alto de Brinches 3 na comparação de tamanhos de  $M_1$ , com outros exemplares de cão e de lobo.



### *Cervus elaphus* (veado)

Regista-se a presença da actividade de caça de veado, tendo sido recuperados apenas um metacarpo e uma falange ([Tabela 7](#)), determinando a presença de um indivíduo sem marcas de corte e cujos restos se encontravam em desarticulação. No registo fotográfico não existe indicação da existência de um esqueleto completo, determinando assim, que estes restos poderão efectivamente corresponder ao descarte de lixo alimentar. Desta forma e neste sítio, a caça ao veado manteve-se desde o Calcolítico, embora em menor escala.

### Outros vertebrados

Fazem ainda parte do conjunto cinco ossos relativamente aos quais não foi possível

identificar a espécie. Um deles, um calcâneo, pelas características que apresenta foi determinado como pertencente a um carnívoro, tendo os restantes sido classificados como pertencentes a macrofauna (tamanho de auroque/vaca, veado ou cavalo) e mesofauna (ovelha, cabra ou porco).

### **Discussão**

#### *Calcolítico*

Os restos de cães recuperados em Alto de Brinches 3, incluindo um esqueleto próximo de um enterramento humano, demonstram a relação próxima e especial entre estas duas espécies desde a pré-história. A escassez de achados deste género (canídeos associados a humanos) faz deste caso particular, um

importante caso de estudo em território nacional. Embora sejam conhecidos outros enterramentos de canídeos em Portugal, estes não aparecem associados a enterramentos humanos, à excepção do caso presente na Anta 3 de Santa Margarida (STAM-3), onde se verificou a associação de partes de canídeo (vértebras cervicais e pata dianteira), em conexão anatómica, a um enterramento de um indivíduo do sexo feminino ([Moreno García, 2003](#)), tal como em Alto de Brinches 3.

São também conhecidos outros enterramentos de cães do Neolítico e Calcolítico, embora com esqueleto incompleto, em diversos tipos de contexto arqueológico, como nas grutas naturais do Algar do Barrão ([Carvalho \*et al.\*, 2003](#)), Casa da Moura (Óbidos) ([Weiss-Krejci, 2006](#)) e gruta da Goldra (Faro) ([Straus \*et al.\*, 1992](#)) e Casais da Mureta (Alcanena)(comunicação pessoal de Maria João Valente); nas grutas artificiais 1 e 3 do Casal do Pardo (Palmela), embora escavadas num momento precoce da arqueologia portuguesa ([Soares, 2003](#)); nos contextos de fossa de Corça 1 (Serpa) ([Valera \*et al.\*, 2010](#)), Monte das Covas 3 (Beja) ([Miguel e Godinho, 2009](#)) e Porto Torrão (Ferreira do Alentejo) ([Pereira, 2016](#)), e de fosso no povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz) ([Valera, 2008](#)); no complexo funerário de Alcalar (Portimão), nomeadamente no tholos 7 ([Riquelme Cantal, 2004](#)); fossa [F115] e fossa [F59] no interior do hipogeu [H59] de Montinhos 6 ([Costa, 2013](#)); e Horta da Morgadinha 2 ([Costa, 2013](#)).

A importância do cão numa comunidade, através do seu papel desempenhado enquanto elemento auxiliar nas actividades

de pastorícia ou de caça, para além dos laços emocionais irrecuperáveis pela actividade arqueológica, poderá ser a razão pela qual a muitos deles, tal como em Alto de Brinches 3, foi oferecido um tratamento funerário semelhante ao auferido pelos humanos.

A presença de outros animais junto de enterramentos humanos também é conhecida em território nacional em contextos atribuídos a um período situado entre o Neolítico e a Idade do Bronze. A diferenciação entre actos sacrificiais, ofertas cárneas e simples enterramentos, não é uma questão de fácil interpretação e debate, dado também a grande amplitude cronológica destas manifestações. No entanto, a ligação entre Homem-animal está efectivamente presente através de qualquer um destes actos.

Podem ser considerados como ofertas os exemplos conhecidos nas grutas artificiais de S. Pedro do Estoril (Cascais) ([Gonçalves, 2003b](#)) e de Montinhos 6 (Serpa) (e.g. hipogeu 4 e 6) ([Baptista e Gomes, 2011](#)). Já em Belmeque e Torre Velha 3 e 12 foram identificados restos faunísticos, apenas patas dianteiras de bovídeos e caprinos, associados a restos humanos ([Costa, 2013](#)). No entanto, na Horta do Jacinto, recolheram-se patas anteriores e posteriores de suíno ([Costa, 2013](#)).

No caso do hipogeu 5 da Sobreira de Cima (Vidigueira), foi notada a colocação intencional de falanges de ovelha e/ou cabra coordenada com falanges humanas, num ossário ([Valera e Costa, 2013](#)). Nos hipogeu de Outeiro Alto 2, a situação é semelhante à presente no hipogeu 1 da Sobreira de Cima,

onde ossadas de caprinos aparecem dispersas pelo sepulcro ([Valera e Costa, 2013](#); [Valera e Filipe, 2010](#)).

No caso do hipogeu de Horta de Baixo 1 (Aljustrel), registou-se uma situação incomum. Sobre o nível de abatimento da cúpula (que selava as deposições humanas),

foram identificados enterramentos de bovídeos e equídeos (alguns completos, noutros, apenas o crânio) ([Delicado, 2016](#)). Esta poderá ser uma situação semelhante à praticada em Alto de Brinches 3, apesar de aqui, no entanto, não apresentarem aparente ligação directa ao ser humano.

**Tabela 7 – Número de Restos Determinados (NRD) de ossos do esqueleto dos mamíferos recuperados em Alto de Brinches 3 de cronologia Idade do Bronze.**

NRD	<i>Ovis/Capra</i> (Caprinos)	<i>Sus sp.</i> (Suídeos)	<i>Cervus elaphus</i> (Veados)	Carnívoro	Mesofauna	Macrofauna
Hastes	1					
Mandíbulas		11				
Escápula		4				
Costela						1
Úmero	1	3			1	
Rádio		2				
Metacarpo			1			
Metacarpo (0,5)		3				
Pélvis		1			1	
Fémur		3				
Tíbia		3				
Astrágalo		2				
Calcâneo		3		1		
Metatarso						
Metatarso (0,5)						
Metápode						2
Metápode (0,5)						
Falange I	1	10				
Falange II		5	1			
Falange III		1				
<b>Total</b>	<b>3</b>	<b>108</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>

A relação Homem-animal traduz-se não apenas pela ligação directa na morte, entre os dois, como é o caso do enterramento da mulher idosa junto do cão (registada em Alto de Brinches 3), mas também, através do tratamento fúnebre conferido aos animais. A “construção” de um lugar onde estes possam

ser depositados, é uma demonstração da ligação entre ambos.

#### *Idade do Bronze*

O estudo da fauna proveniente das unidades estratigráficas correspondentes ([607] e

[642]), devido à fragmentação dos ossos (alguns inclassificáveis), forneceu a indicação de estarmos perante uma fossa de depósito de lixo alimentar. Na realidade, a fossa [664] poderá corresponder a um lugar de despejo de animais (inteiros), como se verifica na fotografia ([Figura 10](#)). Estes estudos defendem que fossas e enchimentos estabelecem ligações e memórias com os locais onde se inserem, propondo que a organização interior destas estruturas resulta de procedimentos intencionais, obedecendo a normas e padrões recorrentes e embutidos de significado. A deposição estruturada define uma acção ou deposição de material obedecendo a regras que são significantes para os seus criadores, que se destacam pela sua formalidade ([Costa, 2013](#)), de forma semelhante ao que acontece em Alto de Brinches 3. Desta fossa, a quase totalidade dos restos osteológicos ali encontrados pertence a *Sus sp.* ([Tabela 8](#)), à excepção de uma falange I de ovelha e/ou cabra.

A variedade de espécies recuperadas é reduzida e semelhante aos exemplares recolhidos na Horta do Jacinto (porco e ovelha e/ou cabra) ([Costa, 2013](#)). Em Montinhos 6 foram recuperados um fragmento de haste e um dente de veado, não relacionando a sua presença com uma possível actividade de caça ([Costa, 2013](#)), que, em Alto de Brinches 3 ainda existe (atestada pela presença de um metacarpo e falange de veado).

Não foi possível determinar a idade de abate dos caprinos (apenas com um indivíduo registado). Contudo, os elementos de porco recolhidos indicam uma não preferência específica para a idade de abate, estando presentes tanto animais juvenis como adultos.

No entanto, é preciso ter em conta que apenas um indivíduo juvenil e um adulto terão sido efectivamente alvo de consumo. Os restantes quatro (dois juvenis e dois adultos), depositados na fossa [664], oferecem dúvidas quanto ao verdadeiro motivo que os levou a serem depositados inteiros e aparentemente não consumidos.

**Tabela 8 – Número de restos determinados (NRD) de dentes do esqueleto dos mamíferos recuperados em Alto de Brinches 3 de cronologia Idade do Bronze.**

NRD	<i>Sus sp.</i> (Suídeos)
I1	
I2	
I3	
incisivos superiores	1
incisivos de leite superiores	2
incisivos inferiores	4
incisivos de leite inferiores	1
presa	1
caninos	
Dp2	1
Dp3	3
Dp4	7
p1	
p2	2
p3	2
p4	5
M1	7
M2	3
M3	2
M1/2 superior	5
M1/2 inferior	11
Total	57

### Conclusão

Os contextos identificados caracterizam comunidades pré-históricas agro-pastoris que

exploravam o ambiente natural do local onde estavam inseridas. A exploração implicava não só a criação de animais domésticos para consumo, como o porco, ovelha e/ou cabra e vaca, mas também o recurso à prática de actividades de caça, atestada pela presença de veado. A presença de coelho bravo nestes contextos poderá corresponder a uma intrusão, no entanto, o consumo do mesmo poderia ser uma opção, neste caso, igualmente como resultado de caça.

Mesmo não tendo oferecido um elevado número de indivíduos por espécie, foi possível criar um padrão de consumo alimentar. Em época Calcolítica, verifica-se um número mínimo de 16 indivíduos, onde a espécie

ovelha e/ou cabra é a mais abundante ([Tabela 2](#)). Não foram recuperados esqueletos completos relativos a qualquer espécie aqui descrita (inclusive o de cão da UE [481], quase completo). Na Idade do Bronze o consumo de ovelha e/ou cabra reduz-se a um elemento, estando na base da alimentação o consumo de porco (seis indivíduos). Os registos fotográficos indicam que talvez o porco não fosse exclusivamente para dispêndio alimentar, já que no registo arqueológico surgem esqueletos completos. Apesar do consumo de bovívdeo não ser expressivo no Calcolítico, este desaparece na Idade do Bronze.



Figura 10 – Fossa [664] da Idade do Bronze. Deposições de pelo menos quatro elementos de *Sus* sp. (UE [642]).



A presença de três restos de veado no Calcolítico e apenas um nos contextos da Idade do Bronze indica, tal como confirmado pelo registo fotográfico (Figura 8), o consumo alimentar dos mesmos. Destaca-se a presença de um enterramento de cão praticamente inteiro associado a um humano. O registo arqueológico sugere que o cão, ainda jovem, foi enterrado intencionalmente, e não apenas despejado. Contudo, foi detectada também a presença de duas outras mandíbulas de cão, sem que a restante porção esquelética dos animais fosse encontrada. Não se sabe ao certo se teriam servido para consumo, apesar de uma delas ter sido depositada numa fossa UE [235] cujo conteúdo se reporta a partes de animais (veado, ovelha e/ou cabra e vaca).

Relativamente aos enterramentos de cão, nomeadamente o da UE [481], estamos perante um achado pouco comum em contextos da Pré-História recente. Apesar de ser conhecida a associação de partes de animais a humanos, os enterramentos de cães assumem um papel especial nas questões de inter-relação entre o Homem e o animal.

Não foram detectadas marcas de corte ou traumatismo nos ossos estudados, no entanto, o seu elevado grau de deterioração dificultou a análise destas características.

Com base nestes dados torna-se difícil determinar o papel de alguns elementos faunísticos identificados no conjunto. Enquanto alguns aparecem depositados já incompletos, outros estão inteiros (segundo o registo fotográfico). Seria fácil atribuir uma função alimentar aos restos de esqueletos incompletos e uma função votiva aos

elementos inteiros. Contudo, estas são apenas linhas de pensamento com base nas informações obtidas pelo espólio, que não são passíveis de serem confirmadas devido ao elevado grau de deterioração e fragmentação dos restos ósseos.

Espera-se que este estudo venha a contribuir para o conhecimento da evolução faunística/cronológica, servindo de comparação a outros sítios arqueológicos.

### Agradecimentos

Agradecemos à equipa do LARC (Laboratório de Arqueociências) da DGPC (Direcção Geral do Património Cultural) que nos deu acesso à colecção de referência, para podermos tirar dúvidas de classificação e ao Doutor Simon Davis que nos forneceu conhecimentos e bibliografia. Em especial, agradecemos também ao co-editor desta revista, David Gonçalves, por todo o seu empenho e interesse demonstrado.

### Bibliografia

AAVV. 2002. *Contributos para a identificação e caracterização da paisagem em Portugal continental – Grupos de unidades de paisagem – Alentejo Central a Algarve*. Colecção Estudos 10. Vol V. Lisboa, Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano.

Albarella, U.; Davis, S.J.M.; Detry, C.; Rowley-Conwy, P. 2005. Pigs of the “Far West”: the biometry of Sus from archaeological sites in Portugal. *Anthropozoologica*, 40: 27-54.

Alves, C.; Porfírio, E.; Estrela, S. 2010. *Alto de Brinches 3. Relatório Final. Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da Construção do Reservatório Serpa-Norte (Serpa)*. Relatório policopiado.

Alves, C.; Estrela, S.; Porfírio, E.; Serra, M. 2014. *Intervenção arqueológica no sítio de Alto de Brinches 3 (Reservatório*



- Serpa – Norte): Resultados Preliminares*. 4º Colóquio de Arqueologia do Alqueva: o Plano de Rega (2002-2010). Memórias d’ Odiana, 2ª série. Estudos Arqueológicos do Alqueva: 96-102.
- Baptista, L.; Gomes, S. 2011. *Relatório Final – Bloco de Rega de Brinches – Enxoé. Intervenção arqueológica em Montinhos 6*. Relatório policopiado
- Binford, L.R. 1983. *Em Busca do Passado*. Mem Martins, Publicações Europa-América.
- Cardoso, J.L.; Detry, C. 2001/2002. Estudo Arqueozoológico dos restos de ungulados do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, Vol.10: 131-182.
- Carvalho, A.F.; Antunes-Ferreira, N.; Valente, M.J. .2003. A gruta-necrópole neolítica do Algar do Barrão (Monsanto, Alcanena). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa. 6: 1, 101-119
- Costa, C. 2013. *Tafonomia em contexto pré-histórico. A zooarqueologia como recurso para a compreensão das “estruturas em negativo” da Pré-História Recente*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade do Algarve. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve. Vols.2.
- Costeira, C. 2013. Os componentes de tear do sítio arqueológico Alto de Brinches 3 (Serpa, Baixo Alentejo). In: Jiménez Ávila, J., Bustamante, M, García Cabezas, M. (ed.). *VI Encuentro de arqueologia del Suroeste Peninsular*. Villafranca de los Barros:596-624.
- Delicado, C.S. 2016. *A gruta artificial das Lapas (Torres Novas). Contributo para o conhecimento das práticas funerárias dos 4º e 3º milénios a.n.e. na Estremadura Portuguesa*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Departamento de História, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. 2 Vols.
- Detry, C.; Cardoso, J.L. 2010. On some remains of dog (*Canis familiaris*) from the Mesolithic shell-middens of Muge, Portugal. *Journal of Archaeological Science*, 37(11): 2762-2774.
- Gonçalves, V. S. 2003a. STAM-3, a Anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz). *Trabalhos de Arqueologia*, Vol.32: 433-439.
- Gonçalves, V. S. 2003b. *Sítios, Horizontes e Artefactos: Estudos sobre o 3º milénio no Centro e Sul de Portugal*. Cascais, Câmara Municipal de Cascais.
- Grant, A. 1982. The use of tooth wear as a guide to the age of domestic ungulates. In: Wilson, B.; Gringson, C.; Payne, S. (eds) – *Ageing and sexing animal bones from archaeological sites*. Oxford, British archaeological reports (British series; 109): 91–108.
- Habermehl, K.-H. 1975. *Die Altersbestimmung bei Haus - und Labortieren* 2. Auflage, Verlag Paul Parey, Berlin,166
- Horard-Herbin M.P. 2000. Dog management and use in the late Iron age: the evidence from the gallic site of Levroux (France). Dogs through time: an archaeological perspective. In: Crockford, S.J. (ed.) *Proceedings of the First ICAZ Symposium on the History of the Domestic Dog* (1998, Canada): 115-121. BAR 889.
- Inocêncio, J.R.; Porfírio, E. 2014. Um enterramento de Alto de Brinches 3, Serpa, Beja: Reflexões a propósito da interação homem-animal no Calcolítico do Sudoeste de Portugal. *AnMurcia*, 30:43-53.
- Lopes, C., Carvalho, P. e Gomes, S. 1997. *Arqueologia do concelho de Serpa*. Câmara Municipal de Serpa, Serpa.
- Macedo, M. 1996. Rei Dom Carlos. *Campanhas oceanográficas. Estudo das Coleções Malacológicas*. Lisboa: INAPA.
- Matos, R.M.A. 2014. *Atlas dos caracóis terrestres e de águas doces e salobras. Portugal Continental*. Edição da autora, Lisboa.
- Miguel, L.; Godinho, R.M. 2009. Notícia do sítio arqueológico do Monte das Covas 3 (Beja). *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 4: 23-24.
- Moreno García, M. 2003. Estudo dos restos faunísticos da Anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz). In: Gonçalves, V.S. (ed.) STAM-3. A Anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz). *Trabalhos de Arqueologia*, 32: 432-439.
- Payne, S. 1987. Reference codes for wear states in the mandibular cheek teeth of sheep and goats. *Journal of Archaeological Science*, 14(6): 609-614.
- Ponte, T.R.N.; Soares, A.M.M.; Araújo, M. de F.; Frade, J.C.; Ribeiro, I.; Rodrigues, Z.; Silva, R.J.C.; Valério, P. 2013. O Bronze Pleno do Sudoeste da Horta do Folgão (Serpa, Portugal). Os hipogeus funerários. *O Arqueólogo Português*, Série V, 2: 263-293.
- Porfírio, E.; Serra, M. 2014. In death, as in life. Ties between man and animals in the recente prehistory of lower Alentejo: two case studies from Alto de Brinches 3 and Torre Velha 3 (Serpa, Alentejo, Portugal). In: Detry, C. e Dias, R. (ed.). *Proceedings of the first Zooarchaeology Conference in Portugal, Faculty of Letters, University of Lisbon, 8th-9th March 2012*. BAR International Series 2662: 47-56.
- Pereira, V. 2016. Repastos alentejanos. Dados preliminares da fauna de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo). In: Vilaça R.;

- Serra, M. (eds.). *Matar a fome, alimentar a alma, criar sociabilidades. Alimentação e comensalidade nas sociedades pré e proto-históricas*. Instituto de Arqueologia, Universidade de Coimbra, Coimbra. 39-54.
- Piçarra, J.M.; Oliveira, V.; Oliveira, J.T. 1992. Paleozóico. Oliveira, J.T. (coord.). *Carta Geológica de Portugal*. Escala 1/200000. Notícia explicativa da Folha 8. 29.
- Riquelme Cantal, J.A. 2004. Os restos recuperados nas escavações: estudo da fauna”, In: Morán, E.; Parreira, R. (eds.), *Alcalar 7. Estudo e reabilitação de um monumento megalítico*, *Cadernos*, 6: 225-229.
- Rodrigues, Z.; Estrela, S.; Alves, C.; Porfírio, E.; Serra, M. 2012. Os contextos funerários do sítio de Alto de Brinches 3 (Serpa): dados antropológicos preliminares. *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular* (Almodôvar, 18, 19 e 20 de Novembro de 2010), Almodôvar, Município de Almodôvar: 73-83
- Schiffer, M.B. 1972. Archaeological context and systemic context. *American Antiquity*, 37(2):156-165.
- Schmid, E. 1972. Atlas of animal bones for prehistorians, archaeologists, and Quaternary geologists. Amsterdam, Elsevier Science Publishers.
- Soares, J. 2003. *Os hipogeus pré-históricos da Quinta do Anjo (Palmela) e as economias do Simbólico*. Setúbal, MAEDS.
- Straus, L.G.; Altuna, J.; Ford, D.; Marambat, L.; Rhine, J.S.; Schwarcz, J.H.; Vernet, J.L. 1992. Early farming in the Algarve (Southern Portugal): a preliminary view from two cave excavations near Faro. Homenagem a Ernesto Veiga de Oliveira. Porto, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 32 (1-4): 141-172.
- Valente, M.J. .1997. A quantificação faunística: principais unidades, alguns parâmetros, regras e problemas. *Estudos do Quaternário*, 1: 83-96.
- Valera, A.C. 2008. O recinto calcolítico dos Perdígões: fossos e fossas do Sector I. *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 3: 19-27.
- Valera, A.C. 2013. *Cronologia dos recintos de fossos da pré-história recente em território português*. Arqueologia em Portugal. 150 anos, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses: 335-343.
- Valera, A.C., Nunes, T.; Costa, C. 2010. Enterramentos de canídeos no Neolítico: A fossa 5 de Corça 1 (Brinches, Serpa). *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 8: 7-17.
- Valera, A.; Filipe, V. 2010. Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa): nota preliminar sobre um espaço funerário e de sociabilização, do Neolítico Final à Idade do Bronze. *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 5: 49-56.
- Valera, A.C.; Costa, C. 2013. Uma particularidade ritual: A associação de falanges de ovinos-caprinos a falanges humanas nos sepulcros da Sobreira de Cima. *Era Monográfica*, 1.
- Weiss-Krejci, E. 2006. Animals in mortuary contexts of Neolithic and Chalcolithic Iberia, In: Bicho, N.F. (coord.) *Animais na Pré-história e Arqueologia da Península Ibérica*. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular (Faro, 14 a 19 de Setembro de 2004). *Promontoria Monográfica*, 3: 35-45.

---

<sup>i</sup> Os autores optaram por redigir o resumo e as palavras-chave sem acatar o Acordo Ortográfico de 1990.